



O TEMPO LIVRE NA ESCOLA DO CAMPO: UM OLHAR À ESCOLA

ROBERTO REMIGI¹

Tábita Cristina Modesto Nascimento

RESUMO

O estudo trata das relações do Tempo Livre e parte de elementos estruturantes que ressignifiquem essas questões e respaldem esse tempo enquanto construção coletiva de práticas corporais coerentes com a realidade dos sujeitos do Campo. Analisa como se manifesta o Tempo Livre dentro da escola do campo, partindo de um estudo de caso da Escola Roberto Remigi/Castanhal/PA. O método foi uma aproximação à Pesquisa Qualitativa, utilizando a aplicação de um questionário dirigido ao Coletivo de Educação da instituição e o preenchimento da Ficha de diagnóstico. Concluiu-se a partir desse estudo que na escola Roberto Remigi há manifestações muito particulares de práticas corporais de Tempo Livre, porém essas manifestações pouco são percebidas pela Escola como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo Livre; Práticas Corporais; Educação do Campo.

INTRODUÇÃO

O assunto pesquisado trata das relações do Tempo Livre pautado nos limites e possibilidades do trato pedagógico. Parte-se de elementos estruturantes que ressignifiquem as questões de lazer e respaldem esse tempo enquanto construção coletiva de práticas corporais coerentes com a realidade dos sujeitos em questão – um espaço constituído a partir da conquista da terra, caracterizado por suas expressões de luta e de organização social, em particular a este estudo, um assentamento campestre. O tema também nos remete a uma importante discussão em torno das relações de Tempo Livre e Tempo de Obrigações – entendendo este como, “regras”, “coisas a cumprir” e, aquele enquanto Tempo de desobrigação – na escola.

Nesse contexto nos deparamos com questões que são no mínimo inquietantes para o diálogo que está sendo proposto. Se o Tempo Livre é, em tese, um tempo de desobrigação, e a escola, como foi se constituindo historicamente em nossa sociedade, é um espaço enraizado em questões de ordem “necessárias” (ao ensino e aprendizado, a formação para o futuro, ao estudo), ou seja, a escola enquanto obrigação para os seus alunos, como se dá a produção de práticas corporais em torno do Tempo Livre se o próprio local onde se propunha a produzir, criar e ressignificar o tempo e espaço está intimamente ligado as obrigações dos sujeitos?

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Mais ainda, como ressignificar estas mesmas práticas corporais e quais os limites e possibilidades desta ressignificação transformar a escola?

Diante do exposto, foi surgindo a necessidade de estudarmos e aprofundarmos leituras e pesquisas referentes ao tema.

A curiosidade e, em sua raiz, a então necessidade de pesquisar o tema em questão aprofundou-se ainda mais quando do meu envolvimento com uma comunidade rural de trabalhadores assentados em um projeto de extensão vinculado a Universidade Federal do Pará, em que, desde o ano de 2010, atuo na condição de voluntária como professora e formadora de jovens educadores para o Esporte e Lazer em áreas de Reforma Agrária². Neste referido projeto as questões do Lazer (e, aqui em especial, trabalha-se com a categoria do Tempo Livre), perpassam constantemente as questões da Escola do Assentamento, em virtude dessa estar no centro das manifestações de cultura da comunidade.

Soma-se a isso o fato de ter sido criado (e, aqui não no sentido estrito do nascer, mas sim de começar a florescer as contribuições e a busca de possíveis soluções no que tange ao fato) no Fórum Paraense de Educação no Campo³, e no IX Tapiri Pedagógico (evento organizado em dezembro de 2011, com a participação na coordenação por parte do projeto de extensão) a campanha, encampada pelo Movimento dos Trabalhadores rurais sem terra (MST), “Fechar Escola é Crime”.

Esta campanha começa a se aprofundar na discussão da Escola do Campo, ou seja, da importância de se manter esse espaço de aprendizado e produção de conhecimento dentro das áreas rurais, em virtude de, no período de 2002 até 2009, terem sido fechadas mais de 24 mil escolas do campo⁴.

Segundo Caldart, Cerioli e Kolling (2002, p. 24)

A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino; não porque enganados sobre os problemas que existem no campo, mas porque dispostos e preparados para enfrentá-los, coletivamente.

² Projeto de Extensão vinculado a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal, intitulado “Formação de Educadores (as) sociais para o Esporte e Lazer em Áreas de Reforma Agrária”.

³ O Fórum é um movimento que reúne Entidades da Sociedade Civil, Movimentos Sociais, Instituições de Ensino, Pesquisa, órgãos governamentais de fomento ao desenvolvimento e área educacional da sociedade paraense, que, compartilhando princípios, valores e concepções político pedagógicas buscam defender, implementar, apoiar, fortalecer políticas públicas, estratégias e experiências de educação do campo com qualidade social para todos/as os/as cidadãos/ãs paraenses, sobretudo para as populações do campo, respeitando as diferenças culturais, geográficas, econômicas, sociais e étnicas dos povos da Amazônia. (www.educampoparaense.org)

⁴ Entrevista com Erivan Hilário – Setor de educação do MST – disponível no site do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST - www.mst.org.br.

Nesse sentido, a escola enquanto espaço de possibilidades e passível de transformações sociais emerge neste contexto como produtora de um Tempo Livre que, quando construído com uma proposta pedagógica coerente, pode ressignificar as práticas corporais de determinada comunidade rural. Assim o tema pesquisado, será de extrema importância para a construção de um Tempo Livre dentro das escolas rurais, pois contribuirá para as discussões em âmbito geral da proposta enraizada na campanha “Fechar Escola é Crime”. Logo se faz importante ressaltar que o objetivo desta produção é analisar como se manifesta o Tempo Livre dentro da Escola Roberto Remigi, verificando a realidade da Escola no que diz respeito às questões que permeiam o Tempo Livre e o Tempo de Obrigações dentro da mesma e analisando se, e como, ocorrem as manifestações das práticas corporais no Tempo Livre da Escola.

Ressalta-se também que a Escola Roberto Remigi está localizada em um Assentamento Rural do Município de Castanhal (localizado no nordeste paraense, com acesso no km 74 da BR 316). Conhecido como Assentamento João Batista II, a comunidade conta hoje com aproximadamente 150 famílias (número estabelecido pelo projeto de Assentamento do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Como se trata de uma comunidade rural a mesma possui apenas uma escola, na qual foi desenvolvido o estudo aqui proposto. A escola é mantida pelo poder público municipal de Castanhal/PA desde o ano de 2008, porém já se faz presente no seio daquela comunidade desde o ano de 1998, quando da ocupação da área por famílias militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). No início a Escola se chamava Antón Makarenko e estava localizada às margens do rio Inhangapi, onde permaneceu até o ano de 2005 e depois passou a se chamar Roberto Remigi.

A Escola funciona nos três turnos e conta com 19 professores distribuídos nesses horários. No turno da manhã, o qual foi escolhido para essa pesquisa, conta com apenas 7 professores (sendo quatro pedagogos e dois professores de Língua estrangeira e um de Educação Física).

Todo esse contexto apresentado acima, nos implica a querer buscar a construção de um Tempo Livre, que seja realmente livre dentro dessa escola, já que essa vem de um processo de Reforma Agrária, que não deve se limitar apenas ao direito a terra, mas também a uma Educação de qualidade e com isso a construção de espaços de lazer que tenham sentido e significado na vida das crianças da comunidade.

BASE TEÓRICA

Iniciamos nossa reflexão entendendo e concordando com Saviani (2005) que a função da Escola é especificamente educativa e propriamente pedagógica, ligada a produção de conhecimento.

No entanto, a Escola enquanto espaço de construção de idéias, teorias, símbolos e valores vêm sendo construída ao longo dos anos como instituição que tem (ao menos, é o que se constata nas entrelinhas de seu projeto, enquanto instituição) a tarefa de manter e reproduzir a ordem social vigente.

A escola que conhecemos e que passamos longos períodos de nossas vidas resultou de um processo histórico em que a burguesia (classe social em construção na época do seu surgimento) lutava para a afirmação de seu projeto de sociedade, que confrontava duramente o modo de produção feudal. Esse processo durou séculos, ou, melhor dizendo, mais de seis séculos e cujo projeto se tornou vitorioso no século 18. (FRIGOTTO, 2011)

Ainda segundo Frigotto (2011), apesar da escola ter se constituído (ao menos no plano ideológico) após a construção dessa nova sociedade, dentro de um tripé de liberdade, igualdade e fraternidade, ou seja, uma instituição pública, gratuita, universal e laica, que deveria primar pelo desenvolvimento das culturas, pela integração de gerações, essa mesma escola, desde o início, foi se estruturando de forma dual e desigual.

Brandão como percebemos na citação a seguir, corrobora com as ideias de Frigotto, quando afirma que,

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar *comum*, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é *comunitário* como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos. (BRANDÃO, 2007, p.10).

Vejamos. Se em sua essência a Escola se constituiu enquanto espaço de reafirmação daquilo considerado o “certo” – a manutenção da ordem social vigente – o que diríamos quando escutamos notícias de que espaços escolares politicamente construídos e vinculados as conquistas de Movimentos Sociais Organizados foram fechadas? A bem da verdade é aqui que se inicia o melhor debate desse trabalho, em torno das questões pertinentes a uma Educação do Campo.

É possível constatar que houve uma grande redução no número das escolas rurais. Os dados do censo escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio

Teixeira (INEP) do Ministério da Educação (MEC), registram que 37.776 estabelecimentos de ensinos rurais foram fechados nos últimos 10 anos em todo o país. Esse fato demonstra a grande fragilidade do sistema educacional brasileiro, principalmente no que diz respeito ao meio rural, em que a Escola pública é quase sempre a única forma de Política Pública presente na comunidade, o que demonstra ainda mais o descaso do poder público com essas comunidades.

A Educação está garantida na Constituição Federal como um direito de todos e dever do Estado, assim sendo, seria coerente indagarmos o porquê do fechamento de determinadas escolas. Qual a justificativa, se não o próprio descaso do poder público com essas comunidades rurais, em que pese não se tratar apenas do descaso, mas da própria constituição do projeto político e histórico de sociedade. A Escola do Campo fez e ainda continuará fazendo parte do processo de luta pela terra, ainda que em suas raízes, dentro do Movimento Camponês, seja vista pela classe dominante enquanto desestruturada pedagogicamente, na medida em que não prega os preceitos da burguesia.

E aqui se faz importante esclarecer que o campo concentra hoje uma população com número significativo de residentes, ou seja, pessoas que dependem da sua sustentabilidade oriunda dos labores da terra. Segundo Taffarel e Santos Júnior (2011), em 2004, os dados do INEP apontaram que cerca de 30,8 milhões de cidadãos brasileiros viviam no campo em franca desvantagem social, e que destes apenas 6,6% da população rural economicamente ativa apresentava rendimento real acima de três salários mínimos. E completavam:

O desamparo e a vulnerabilidade da população do campo refletem nos altos índices de analfabetismo e no baixo desempenho escolar: 25,8% da população rural adulta (de 15 anos ou mais) é analfabeta, (...). (TAFFAREL E SANTOS JÚNIOR 2011. p. 186)

Dada as circunstâncias e os dados levantados acima, já se pode entender o porquê da necessidade da implantação e permanência das Escolas do Campo.

A escola enquanto ambiente de possibilidades e repleta de fazeres pedagógicos precisa ser repensada. Logo, deve-se estabelecer um divisor de águas em relação ao que, para quem, para quem e contra quem e contra o que ela educa. O lugar comum desta reflexão é a Educação e a Escola é um dos locais onde pode se dar a Educação.

Nesta esfera, se entendermos a Educação como prática de cidadania, construída na perspectiva de uma verdadeira liberdade e de direito, ela precisa também ser uma Educação que “ensine” para o Tempo Livre na mesma perspectiva de Liberdade e Cidadania (direito). Entretanto, a Escola enquanto instrumento da classe burguesa estabelece a construção de

outro sujeito, o de consumo e, portanto, atrelado a uma falsa liberdade. Se a educação caminha para a construção de um Ser “consumidor”, e não para a construção de um Ser “cidadão”, é possível aferir que o seu “Tempo Livre” é profundamente determinado, mas não pelas subjetividades e pela liberdade, e, sim, pelas questões de consumo que envolve, por exemplo, o fetiche da sobreposição do Ser pelo Ter. Contudo, vale ressaltar o fato de que somos sujeitos socialmente determinados e historicamente construídos. Logo, as questões que envolvem o fetiche, estão intimamente ligadas as questões da sociedade capitalista em que vivemos, em que a mídia e o bombardeio de informações diárias nos dizem o que fazer, como fazer e porquê fazer, e por vezes não paramos para refletir reais demandas de nossa sociedade, nos tornando assim fantoches nas mãos das grandes corporações.

Reflexões como essa, podem ser encontradas no trabalho de Ferreira (2008), quando o mesmo faz uma análise das relações de Tempo e Tempo Livre dentro de uma sociedade capitalista. Segundo o autor, “[...] se o tempo é desumano, o ‘tempo livre’ também o é, se o trabalho é desumano, tudo o que ele produzir (desumanizantemente, uma mercadoria-humana) também assim será.” (FERREIRA, 2008. p.5).

O autor acima citado faz uma análise bastante coerente, a meu ver, das relações oriundas de uma sociedade extremamente capitalista. Essa mesma relação pode ser pensada no âmbito escolar quando falamos de tempo e Tempo Livre dentro desse ambiente.

Se na Escola o Tempo de Obrigações (e aqui retrato o tempo disponível para as atividades pedagógicas) é tratado de forma massificante, na medida em que repassa as informações/conteúdos de forma descontextualizada, imposta aos alunos, o Tempo Livre disponibilizado a estes mesmos alunos também será massificante, assim o Tempo Livre da escola poderá não ser tão atrativo e repleto de manifestações de práticas corporais importantes ao desenvolvimento da criança. Ou ainda, poderá representar uma tentativa “frustrada”, na contraposição ao tempo de obrigações que é tratado de forma massificada.

No que diz respeito ao Tempo Livre, Waichman (2002) define este, como sendo: (i) a subtração de uma parte do seu tempo heterocondicionado; (ii) o tempo dedicado de modo efetivo a atividades autocondicionadas de manifestação da liberdade; (iii) com o conteúdo desse Tempo Livre sendo constituído por práticas de descanso, recreação e criação, e transformação da realidade; e (iv) com atividades direcionadas para a confirmação e autoafirmação da personalidade individual e social.

Para Waichman (2002), esses pontos caracterizam os diversos aspectos do Tempo Livre, como os negativos, que se manifestam na primeira afirmação. O aspecto psicológico e

subjetivo, como expresso na segunda afirmação. O aspecto fático e objetivo, na terceira afirmação e o aspecto positivo e teleológico na quarta afirmação.

Esses elementos constituem o Tempo Livre enquanto fenômeno, que segundo Munné (*apud* WAICHMAN, 2002, p. 112) pode ser definido descritivamente como,

[...] modo de manifestar-se o tempo pessoal, que é sentido como livre quando dedicado a atividades autocondicionadas de descanso, recreação e criação para compensar-se, e, por último, afirmar-se a pessoa individual e socialmente.

Waichman (2002) ainda define Tempo Livre como sendo não um tempo de desocupação e/ou liberação das obrigações (e aqui faço a referência com a Escola), mas um tempo de liberdade para a liberdade, como transformação do homem, da criança/aluno.

A partir destes diálogos estabelecidos em torno do Tempo Livre, estabeleceremos nosso caminhar metodológico.

MÉTODO

O trabalho em questão se manifesta como sendo de aproximação a uma pesquisa qualitativa, que segundo Minayo (1994, p. 21)

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Tem como método o Estudo de Caso, através da aplicação de questionário e da realização de um diagnóstico. Um Estudo de Caso segundo Chizzotti (2008, p.135),

Objetiva reunir dados relevantes sobre o objeto de estudo e, desse modo, alcançar um conhecimento mais amplo sobre esse objeto, dissipando as dúvidas, esclarecendo questões pertinentes, e, sobretudo, instruindo ações posteriores.

Nesse sentido trata-se de um Estudo de Caso, pois a proposta do trabalho está focando apenas em uma realidade – A Escola Roberto Remigi do Assentamento João Batista II do Município de Castanhal/PA. Assim os dados encontrados e analisados não poderão ser generalizados e estendidos de forma geral em outras realidades. Apenas poderão servir de pano de fundo para possíveis discussões em outros espaços acadêmicos.

A pesquisa teve como instrumentos de coleta de dados um questionário e uma Ficha Diagnóstica⁵. O questionário conteve 7 questões objetivas, porém suas respostas foram de cunho subjetivo no particular dos(as) pesquisados(as).

Dividido em dois blocos de perguntas, o primeiro contendo três questões a respeito do Tempo Livre na vida pessoal dos(as) entrevistados(as): (i) *o que é Tempo Livre*; (ii) *Como o Tempo Livre se manifestou na sua infância, inclusive na escola*; (iii) *Como o Tempo Livre se manifesta hoje em sua vida*.

O segundo bloco, a respeito do Tempo Livre dentro da Escola Roberto Remigi, com quatro questões: (i) *se há manifestações de Tempo Livre dentro da escola – se sim, como ele se manifesta*; (ii) *Como é pensado o Tempo Livre para as crianças dentro da rotina da escola e se há participação de toda equipe escolar*; (iii) *Qual/Quais os momentos de Tempo Livre das crianças dentro da rotina da escola*; e (iv) *Qual a rotina dos intervalos existente na escola*.

O questionário foi aplicado ao Coletivo de Educação do turno da manhã, em particular a este trabalho, 10 pesquisados(as), sendo dois coordenadores, dois professores de língua estrangeira, um professor de Educação Física, quatro pedagogos e uma auxiliar administrativa.

Em princípio, foi realizada uma conversa informal a respeito da pesquisa, dando oportunidade para os esclarecimentos das dúvidas, mostrando o eixo das questões e as perguntas do questionário.

Em seguida houve a entrega do questionário contendo questões objetivas e um breve “bate papo” a respeito do teor das perguntas contidas no mesmo.

Em comum acordo foi delimitado um prazo de uma semana para a devolução dos questionários, respondidos. No entanto, este prazo respondeu as expectativas e as necessidades dos(as) pesquisados(as), sem é claro prejudicar o andamento da pesquisa e com isso a análise dos dados.

Dos 10 questionários aplicados, apenas 8 foram devolvidos dentro do prazo estipulado e/ou com tempo hábil para que fosse feita uma interpretação coerente.

Após o recolhimento dos questionários respondidos, passamos aos seguintes procedimentos: (i) a transcrição das respostas em quadro por questão, indicando as respostas de cada pesquisado(a); ii) a identificação de termos chaves à compreensão das respostas

⁵ Instrumento de Coleta de dados utilizado na disciplina Prática de Ensino da Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal.

dadas; (iii) a construção das categorias centrais das respostas dadas; (iv) a aglutinação (quando for o caso) de respostas semelhantes e/ou de uma mesma categoria; (v) a análise de conteúdo das respostas por categoria e por questão; e (vi) a análise geral dos questionários, focando na categoria Tempo Livre.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Constatou-se que, na compreensão dos sujeitos da pesquisa, o Tempo Livre se caracteriza (em geral) como tempo livre das obrigações, e este é destinado às atividades de lazer, como nota-se na resposta do(a) pesquisado(a) C “É o tempo dedicado as atividades de lazer. (...)”. E na resposta do(a) pesquisado(a) A.

As 24hs do dia são tempo livre, pois faço o que quero e gosto mas mais precisamente tempo livre é o que não tenho compromisso com o trabalho, reuniões... e posso usar este tempo para fazer o que acho bom, me distrai, me diverte, me solto e posso ser o que sou.

Neste item faz-se importante ressaltar que três respostas não conseguiram atender ao que foi questionado⁶, e isso se deu talvez por uma questão de interpretação por parte dos(as) pesquisados(as). No entanto, essas respostas apresentaram um teor que nos remete ao que os(as) pesquisados(as) em questão consideram atividades de Tempo Livre dentro da escola.

Com relação às manifestações de Tempo Livre na infância na vida particular e escolar dos(as) pesquisados(as), constatou-se que este se manifestava em momentos de brincadeiras dentro e fora da escola, sendo neste último espaço, nos intervalos de aulas e nos horários de recreios como constata-se na resposta a seguir, do(a) pesquisado(a). “O meu tempo livre na infância aproveitava para brincar. Na hora do recreio brincávamos no parque e adorava brincar de cemitério que adquiri muita agilidade.”

Em se tratando de como o Tempo Livre se manifesta hoje na vida dos(as) entrevistados(as) percebeu-se que este se manifesta em atividades consideradas por eles(as) de lazer, como, ler, escutar música, ir ao igarapé, dentre outros. Como podemos observar na resposta do(a) pesquisado(a) F, a seguir. “Diante do conceito do TL que acredito, gosto de fazer coisas que me deixam feliz, que me instruem, faço coisas pelas outras pessoas. Ex.: leio, brinco, durmo, danço, reúno com jovens, faço coisas bacanas.”

Porém em quatro das respostas (ou seja, 50% dos dados) evidenciou-se na escrita das pesquisadas que o seu Tempo Livre é ocupado com Trabalhos/afazeres domésticos, ou

⁶ Em uma das respostas, pode-se contatar a interpretação possivelmente equivocada da pergunta “Em sua opinião, o que é Tempo Livre”. “Acredito eu, que seja a hora do recreio em que devemos dividi-lo com o tempo do lanche”. (pesquisado(a) D).

ocupado com atividades escolares. Pesquisado(a) D, E, G, H, respectivamente. “Conforme as fases das nossas vidas tudo vai mudando. Hoje com 45 anos meu tempo livre serve para dar prioridade a trabalhos da escola e de casa que não foram concluídos.”. “Hoje o tempo livre não existe quase mais nada, porque quando não estou fazendo atividades da escola estou fazendo atividades em casa como por exemplo cuidar de planta, coisa que gosto muito etc.”. “Atualmente este tempo livre é momento para organizar minha pessoal. Descansar e fazer atividades domésticas.”. “Hoje o tempo livre que tenho, vou a igreja, viajo a trabalho da igreja e cuido do lar.”

Nestas respostas, foi notado as contradições com relação a primeira questão respondida, pois na opinião da maioria dos(as) pesquisados(as), o Tempo Livre é um tempo destinado as atividades de lazer, e quando indagadas a respeito de como se manifesta o Tempo Livre na sua vida hoje, as mesmas, relataram que o seu Tempo Livre também é destinado às atividades domésticas. Ou seja, esse tempo é repleto de obrigações que acabam por ressignificar o que os(as) pesquisados(as) entendem por Tempo Livre.

Este fato pode ainda ser reflexo de uma possível existência da manifestação, que foi ao longo da história da humanidade transformada em senso comum, de que não existe Tempo Livre para o seguimento adulto, e principalmente ao adulto trabalhador, ou seja, a classe trabalhadora. Com isso o Tempo Livre acaba sendo, contraditoriamente, o Tempo Livre do trabalho remunerado, mas não as atividades sociais obrigatórias.

Com relação às manifestações de Tempo Livre dentro da escola Roberto Remigi, ressaltaram-se as atividades dos recreios e intervalos de aulas com os diversos tipos de brincadeiras, assim como atividades recreativas em sala de aula, e momentos de leitura. Como podemos observar na resposta do(a) pesquisado(a) B, “Sim, na hora dos intervalos de 15 minutos, a noite de 10 minutos e nos eventos extras-classe, dependentemente das atividades”.

Neste item entendeu-se que há momentos de Tempo Livre planejado pelos professores, porém não pudemos identificar se o planejamento é feito apenas para a disponibilidade do momento, ou, se é planejado ações a serem desenvolvidas nestes momentos. Neste ultimo caso, percebesse um conflito de idéias, pois se é planejado, o Tempo não é, em sua essência, Livre.

Em se tratando como o Tempo Livre é pensado para as crianças percebeu-se duas questões pontuais a esse respeito. A primeira está no fato de este tempo não ser planejado e a segunda, como o Tempo Livre sendo “momento de culminâncias” dos projetos pedagógicos. Como nota-se abaixo, nas respostas dos(as) pesquisados(as) A e C, respectivamente. “A bem

da verdade, não se pensa o tempo livre para as crianças dentro da rotina da escola, a não ser em programações que são feitas durante o ano letivo, mas são bem pontuais.” . “Sim, nas culminâncias dos projetos desenvolvidos mensalmente nas escolas, sempre desenvolvemos atividades recreativas.”

Em relação a quais os momentos de Tempo Livre disponíveis, os pesquisados informaram que são os momentos de intervalos, espaços construídos dentro de sala de aulas, na biblioteca (quando do trabalho dos voluntários) e até nas aulas de Educação Física, o que demonstrou certa incompreensão do real significado da disciplina dentro do ambiente escolar. Ao mesmo tempo em que expressa uma relação entre vivências da Educação Física com vivências comuns ao Tempo Livre.

Quando indagamos a respeito da rotina do intervalo (recreio) da escola, a fim de compreendermos as manifestações de Práticas Corporais de Tempo Livre, evidenciou-se que os intervalos são apenas para o lanche das crianças, porém algumas brincam com seus brinquedos pessoais ou no parquinho, ou ainda ficam na biblioteca. Esse fato ficou explícito nas respostas dos(as) pesquisados(as), porém percebeu-se que não há uma atenção especial dos professores a estas manifestações. Por outro lado, constatamos que os/as entrevistados não sabem, de fato, o que acontece no intervalo de recreio – ou apenas não registraram em suas respostas, o que ainda assim nos leva a entender que pouco sabem dele: o que as crianças fazem no recreio? O que lêem? De que brincam? Formam grupos? Assim, entendemos que esse Tempo Livre das crianças – o recreio – transforma-se, também, em um “tempo de descanso” dos/as professores/as.

Alguns pesquisados falam das questões do Tempo Livre na sua vida pessoal sempre fazendo referência à criança, e não a si mesmo. Esse fato nos abre duas possibilidades de análise deveras interessante ao diálogo que está sendo elaborado neste trabalho. A primeira é a que nos leva a pensar em certo distanciamento, por parte dos sujeitos pesquisados, com relação ao que alguns denominaram aqui enquanto tempo para as atividades de lazer. (esse fato evidenciou-se principalmente na resposta dada por uma das pesquisadas, em que perguntamos a sua opinião em relação ao que é Tempo Livre: “(...) tempo livre é a criança ter liberdade de brincar no ambiente em que estuda e mora.” (PESQUISADO(A) H).

Percebemos neste exemplo que há a possibilidade de o sujeito não ter trazido, ou até mesmo não ter tomado essa resposta para si, nos fazendo crer que há certo distanciamento, como se fosse uma tentativa de não se envolver diretamente com a resposta. Ou ainda, o fato já destacado, que apenas a criança tem Tempo Livre e o adulto não.

Com isso podemos inferir que esse distanciamento pode ser reflexo de um tempo de obrigações massificado. Ou seja, se para esses(as) pesquisados(as) o trabalho (seu tempo de obrigações) é tratado com significados que fazem referência ao modelo de produção do sistema capitalista, em que o trabalhador vende de forma desumana a sua força de trabalho por longas horas do seu dia, e não consegue extrair expressões de liberdade e humanidade das horas restantes, ou não consegue ter direito a essas horas de forma a usufruir-las com liberdade, o seu tempo de desobrigações também será massificado e, assim, pouco expressará significado a ponto de fazer com que o trabalhador tenha de fato o direito ao Tempo Livre e acredite que tenha esse direito ao Lazer e a liberdade no seu tempo livre.

A segunda relação que fazemos está no fato de que é possível que a autora da resposta possa não perceber o Tempo Livre e com isso os momentos de lazer, como necessário ao seu dia-a-dia, ou até mesmo como um direito seu, enquanto pessoa e não apenas um direito do ser enquanto criança. Estas respostas nos fazem compreender que há nesses intervalos, e por consequência na escola Roberto Remigi, manifestações muito particulares de práticas corporais de Tempo Livre, porém estas manifestações pouco são percebidas pela Escola como um todo. Como observado nos dias de visita a instituição, essas manifestações são coerentes e dizem muito a respeito do dia-a-dia de uma comunidade assentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos dados levantados até o presente momento, faz-se importante ressaltar que os objetivos iniciais deste estudo foram alcançados à medida que se conseguiu, dentro da realidade da pesquisa, analisar as questões de Tempo Livre da referida instituição e com isso levantar questionamentos coerentes com a realidade estudada.

Com isso observou-se que a Escola do Campo tem ao logo dos anos se constituindo em importante espaço de confirmação e afirmação dos sujeitos que fazem parte dessa realidade, contribuindo de forma decisiva para a permanência de muitos dos seus alunos no Campo. Em que pese esse dado se contrastar com a atual situação de fechamento de grande parte das Escolas do Campo, demonstrando que tal fato se dá com certa incoerência do ponto de vista das funções das políticas públicas em nosso país.

Faz-se importante ressaltar também em relação a estas formas de políticas públicas incoerentes com a realidade dos sujeitos a quem se destinam (em particular, a Educação do Campo), que muitas escolas que permanecem no Campo, ainda sofrem com um processo de educação oriundo de uma pedagogia urbanizada, e por vezes burguesa, aumentando com isso

as disparidades entre as necessidades e as ofertas das instituições de ensino do Campo.

Buscando valorizar a cultura local e o modo de vida do camponês, a Escola do Campo se constitui como um importante espaço político que busca a construção de um projeto pedagógico coerente com a realidade dos sujeitos que fazem parte desse espaço de conquistas e aprendizagem.

As questões observadas acerca de Tempo Livre nos remeteu a um importante debate em torno dessa categoria, em que pudemos constatar que ainda hoje há certa “incompreensão” do ponto de vista histórico no que tange as questões do Tempo de obrigações e de Tempo de desobrigações dos pesquisados(as). Essa “incompreensão” saltou aos olhos quando se percebeu que parte dos sujeitos da pesquisa, demonstraram em suas respostas, que seu Tempo Livre era ocupado com atividades que faziam parte do seu Tempo de Obrigações, nos remetendo a entender que para alguns pesquisados(as), o Tempo de Obrigações se dá como parte substancial de sua vida, e o Tempo de desobrigações, ou seja, o seu direito ao Tempo Livre acaba tornando-se um momento não constituído de sentido e significado na sua rotina diária.

Atualmente percebermos que os adultos/trabalhadores constroem ao longo de sua vida e com isso de sua jornada de trabalho – a bem da verdade, por vezes massificante – a ideia que eles não têm direito a um Tempo Livre de Liberdade, ou seja, ao longo de sua vida o homem, por vezes, torna-se escravo da venda de sua força de trabalho, e como consequência acaba por desvalorizar o seu Tempo Livre, a medida em que não consegue construí-lo com autodeterminação, auto-organização, e sobretudo Liberdade à Liberdade.

Contudo, a Escola do Campo, e aqui não faço referência apenas a Escola Roberto Remigi (objeto dessa pesquisa), mas a todas as escolas, antes aqui mencionadas, as que foram fechadas nos últimos anos no Brasil e aquelas que ainda resistem de forma precária nas comunidades rurais, fazem parte de uma luta constante para a transformação de uma sociedade que ao longo de sua história e de seu projeto buscou massificar a classe trabalhadora, transformando homens em máquinas e os deixando a mercê de uma sociedade injusta e desigual.

Essas Escolas constituem-se em espaços de reafirmação e de valorização de crianças, homens e mulheres que travam diariamente uma guerra cruel para o seu reconhecimento enquanto cidadãos com direitos e deveres que devem ser prioritariamente preservados, quer seja no trabalho, na Escola, ou, em seu Tempo Livre.

Com isso concluímos este trabalho afirmando que o Tempo Livre que propomos à

Escola do Campo deve ser construído através de espaços de discussões que privilegiem em sua essência o usufruto por parte das crianças de forma autônoma e consciente. No entanto, ressaltamos que esse tempo não deve ter suas ações e suas práticas corporais pensadas e/ou planejadas, pois deixará de ser em sua essência Livre. Contudo esse Tempo poderá ser otimizado se a escola pensar em espaços propícios a realização de práticas corporais que tenham sentido e significado no dia-a-dia de suas crianças e, com isso, na construção de uma comunidade coesa com a sua cultura e consciente de suas necessidades e possibilidades.

THE FREE TIME IN SCHOOL FIELD: A LOOK AT ROBERTO REMIGI SCHOOL

ABSTRACT

The study deals with the relations of the Leisure and part of structuring elements that resignify these issues and endorse this time as collective construction of bodily practices consistent with the reality of the subject field. It analyzes how the Leisure manifests within the school field, starting from a case study of the School Roberto Remigi / Castanhal / PA. The method is an approach to Qualitative Research, using a questionnaire addressed to the Collective Education institution and completion of diagnostic sheet. Conclude from this study that in school Roberto Remigi very particular manifestations of bodily practices of Leisure, but these little events are perceived by the School as a whole.

KEY WORDS: Leisure; Body Practices; Education Field.

EL TIEMPO LIBRE EN CAMPO DE LA ESCUELA: UNA MIRADA A LA ESCUELA ROBERTO REMIGI

RESUMEN

El estudio trata sobre las relaciones del Ocio y parte de la estructuración de los elementos que resignifican estos temas y aprobar esta vez como construcción colectiva de las prácticas corporales en consonancia con la realidad del campo de asunto. Analiza cómo el tiempo libre se manifiesta en el campo de la escuela, a partir de un estudio de caso de la Escuela Roberto Remigi / Castanhal / PA. El método es un enfoque de investigación cualitativa, utilizando un cuestionario dirigido a la institución de educación colectiva y la conclusión de hoja de diagnóstico. Concluir de este estudio que las manifestaciones muy particulares en la escuela Remigi de Roberto de las prácticas corporales de ocio, pero estos pequeños acontecimientos son percibidos por la escuela como un todo.

PALABRAS CLAVES: Ocio; Prácticas corporales; Campo de la Educación.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007. - - (Coleção primeiros passos).
- CALDART, R. S. CERIOLI, P. R. KOLLING, E. J. (org.) Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 4.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FERREIRA, M. P. de A. O lúdico brinca de esconde. II Congresso Norte Brasileiro de Ciências do Esporte. Os desafios na formação de professores em educação física e os impactos na prática pedagógica. 2008.
- FRIGOTTO, G. in Escola e movimento social: experiências em curso no campo brasileiro / Célia Regina Vendramini e Ilma Ferreira Machado (organizadoras). 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- MINAYO, M. C. De Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social in DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- SAVIANI, Dermeval, 1944 – Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações. 9. Ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2005. – (coleção Educação contemporânea)
- TAFFAREL, C. Z. SANTOS JÚNIOR, C. de L. Diretrizes curriculares para a educação do campo: uma contribuição ao debate in Escola e movimento social: experiências em curso no campo brasileiro / Célia Regina Vendramini e Ilma Ferreira Machado (organizadoras). 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. (2011)
- WAICHMAN, Pablo. Tempo livre e recreação: um desafio pedagógico. 3ªed. São Paulo: Papyrus, 2002.